



TRANSFORMAÇÕES E EVOLUÇÕES MORFOLÓGICAS DAS ZONAS VERDES DO CENTRO DE LISBOA NO NOVO MILÉNIO

Page | 374

Krisztina Ramneantu^a, Teresa Marat-Mendes^b^a ISCTE-IUL, DINÂMIA'CET, Lisboa, Portugal, krisztinaramneanturamneantu@gmail.com^b ISCTE-IUL, DINÂMIA'CET, Lisboa, Portugal, teresa.marat-mendes@iscte-iul.pt

RESUMO

A forma como se passaram a priorizar os estilos de vida urbanos no planeamento de cidades, para que estas sejam mais eficientes, funcionais, sustentáveis e garantes de melhor qualidade de vida para os seus cidadãos, pode ser posicionada como uma extensão das eco-ansiedades introduzidas no debate académico no final do século passado. A aposta nos projetos de regeneração urbana a que se assistiu no início dos anos 2000, teve como principal objetivo o encorajar da vida nos centros urbanos das cidades europeias, centrado no conceito de livability que conquistou bastante peso neste debate. O rápido crescimento urbano ignorou contudo as funções dos ecossistemas, promovendo uma substituição dos espaços verdes por outras superfícies minerais duras, contribuindo significativamente para transformações microclimáticas com repercussão no aumento da temperatura do ar, dos níveis de poluição e mudanças morfológicas nas áreas urbanas (Tsoka, 2017). Assim, nestes tempos de processos acelerados de urbanização em que a humanidade se transforma predominantemente numa espécie urbana (Girardet, 2016), a prioridade deverá estar no desenvolvimento de cidades mais saudáveis, atractivas e capazes de garantir qualidade de vida aos cidadãos, enquanto os contextos físicos e características morfológicas são respeitados. Isto porque o contato com a natureza em ambiente urbano tem o potencial de nos tornar mais felizes e saudáveis, contribuindo para uma vida urbana com maior significado e tornando-se assim num dos desafios mais urgentes da arquitetura urbana contemporânea (Beatley, 2010). Entender a natureza e cada um destes espaços verdes que fazem parte do ambiente urbano torna-se, portanto, uma tarefa urgente e necessária. Neste contexto, a morfologia urbana surge como uma importante ferramenta para auxílio desta mesma tarefa, pois permitirá ajudar-nos a compreender melhor o ambiente urbano e a projetar os espaços verdes de uma forma mais consistente. Esta apresentação debruça-se sobre os contributos de uma investigação em curso dedicada á análise dos parques que se localizam na área central de Lisboa e que registaram grandes intervenções desde 2001, aquando da implementação do plano europeu para o incentivo de projetos de regeneração urbana. Neste sentido, a análise morfológica que aqui é proposta e discutida, permite comparar as características morfológicas passadas e presentes desses mesmos espaços verdes no sentido de se entender melhor quais as tendências percorridas nos últimos 20 anos em termos de projeto de espaços verdes urbanos. Estudar as características das áreas verdes através da análise da sua morfologia e comparar aspectos de concepção de desenho, incluindo dimensão e forma, passados e contemporâneos, poderá ajudar-nos a fornecer informações significativas sobre a forma física e a estrutura desses espaços, bem como as decisões tomadas pelos diferentes intervenientes (projetistas e decisores políticos). A Estrutura Ecológica Municipal de 2011 define os espaços verdes da cidade e, dessas áreas, serão seleccionadas as zonas a analisar. Foi realizada uma análise diacrónica de ortofotomapas, com um foco particular nas áreas verdes centrais. Após essa análise, foram identificadas cinco áreas proeminentes onde



ocorreram intervenções significativas após 2001. Essas áreas incluem o Jardim Mário Soares situado nas imediações do Campo Grande, o Jardim Irmã Lúcia localizado na Praça de Londres, o Jardim do Marquês de Marialva na Praça do Campo Pequeno, bem como o Jardim Gomes de Amorim no Saldanha, e Jardim Igrejas Caeiro no Areeiro. Com o auxílio de ortofotomapas, visualizaremos a estrutura física das áreas antes e depois da reabilitação desses espaços e o seu estado atual. Procuramos assim analisar a morfologia desses espaços verdes que são fundamentais para entender os seus valores funcionais, estéticos e ecológicos, e questionando se esses espaços foram melhorados e aperfeiçoados e se se tornaram mais inclusivos e sustentáveis. Esta pesquisa explora desta forma o papel da morfologia enquanto elemento determinante na avaliação do impacto e benefícios dos diferentes parques verdes urbanos construídos e/ou requalificados na zona central de Lisboa após 2001, fornecendo as bases para uma compreensão mais alargada das tendências de desenho de espaços verdes no novo milénio.

Palavras-chave: *espaços verdes; características morfológicas; centro do Lisboa; pós-2001;*

REFERÊNCIAS

Beatley, T. (2010). *Biophilic cities: Integrating nature into urban design and planning*. USA: Island Press.

Girardet, H. (2016). *Regenerative Cities*. Written for the World Future Council and HafenCity University Hamburg (HCU) Commission on Cities and Climate Change.

Tsoka, S. (2017), Investigating the relationship between urban spaces morphology and local microclimate: a study for Thessaloniki. *Procedia Environmental Sciences*, 38, 674-681.